

Música e interculturalidade: um estudo das relações entre a obra de Vilém Flusser e sua recepção

Marta Castello Branco
Universidade Federal de Juiz de Fora
martacastellobranco@yahoo.com.br

Resumo: A obra de Vilém Flusser sobre música, escrita em português e alemão, fomenta uma abordagem não apenas bilíngue, mas antes intercultural acerca de seus temas e possíveis inter-relações. Em grande medida, a interculturalidade relativa às fontes primárias corresponde às estratégias de recepção incentivadas por seu arquivo sediado na Universidade das Artes em Berlim, que analisamos neste estudo de caso da obra sobre música e de suas particularidades. Analisamos a recepção de Flusser, seu contexto e o caráter da cooperação científica, que molda diretamente ferramentas e estratégias de investigação. Em nossa conclusão, apresentamos a importância da consideração de casos específicos de cooperação científica para a definição de possíveis ferramentas epistemológicas, especialmente em relação à música, assim como a observação detida de sua coerência com os objetos de estudo em questão.

Palavras-chave: Vilém Flusser, música, interculturalidade, cooperação científica.

Music and interculturality. A study of the relationship between Vilém Flusser's work and its reception

Abstract: Vilém Flusser's work on music, written in Portuguese and German, fosters a not only bilingual, but rather an intercultural approach to its themes and possible interrelationships. To a large extent, the interculturality related to the primary sources corresponds to the reception strategies encouraged by his archive based at the University of the Arts in Berlin, which we analyzed in this case study of the work on music and its particularities. We analyze the reception of Flusser, its context and the character of scientific cooperation, which directly shapes research tools and strategies. In our conclusion, we present the importance of considering specific cases of scientific cooperation for the definition of possible epistemological tools, particularly regarding music, as well as the careful observation of its coherence with the objects of study in question.

Keywords: Vilém Flusser; music; interculturality; scientific cooperation.

1. Apresentação

A compilação de manuscritos sobre música escritos por Vilém Flusser em português e alemão, disponível no arquivo do autor sediado na *Universidade das Artes de Berlim (Universität der Künste, UdK-Berlin)*, naturalmente conduz à necessidade da investigação bilíngue desta parcela de sua obra. No entanto, o desenvolvimento de sua temática, que se relaciona a diversos outros tópicos do pensamento de Flusser e ao aprofundamento de suas inter-relações, acabou por revelar a necessidade de uma abordagem que se situa além da bilinguagem e inaugura um universo intercultural condizente tanto à obra, quanto à natureza de sua recepção. A frequente colocação da música como 'metáfora' (CASTELLO BRANCO,

2017a) que representa outros de seus temas, tais como a língua, a técnica e as novas mídias, corresponde diretamente ao contexto de produção da obra de Flusser e à sua articulação em fases temáticas distintas, que antes de representarem um caso de interdisciplinaridade, colocam em jogo todo o contexto cultural e humano de uma produção de conhecimento calcada em potencialidades e limitações de seu cenário de produção – a este aspecto da obra de Flusser atribuímos o termo 'interculturalidade', em detrimento de 'interdisciplinaridade', com o intuito de não focar disciplinas em si, mas de voltar atenção a seu caráter 'local' no sentido proposto por Mignolo (2000), de que todo conhecimento é situado em um contexto, incluindo seu caráter humano e cultural. Tal metodologia se justifica em primeiro lugar pelo caráter da obra de Flusser como um todo, mas ainda mais especialmente se justifica por sua obra sobre música, que perpassa a construção de grandes temas por toda a extensão de sua obra geral. Ela também se justifica pela necessária constituição de uma 'epistemologia musical' que abarque a pluralidade da disciplina, como aponta a frequente busca por uma abordagem "pluriepistêmica e enraizada no seu território" (GONÇALVES; TUGNY, 2020, p. 10), que mantenha a investigação musical além de seus parâmetros sonoros, exclusivamente. Neste estudo de caso específico, enfatizamos a constituição cultural da investigação musical, que inclui seu contexto, seu 'local' e sua formação humana, em diálogo com a variedade de outras constituições, daí o termo, 'interculturalidade'.

Ainda que a língua materna de Vilém Flusser tenha sido o alemão – o autor é nascido em Praga, em 1920, sua estadia de mais de três décadas no Brasil a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial, acabou por constituir uma bibliografia majoritariamente bilíngue (em português e alemão), além de diversos casos de tradução e revisão de originais após traduções feitas pelo próprio autor. Neste estudo de caso, o idioma, que usualmente se configura como um dos primeiros desafios à cooperação científica entre os dois países, se tornou a principal razão para que os manuscritos fossem estudados de forma conjunta. Este exemplo evidencia a relevância da criação de redes eficientes de divulgação de dados científicos como forma de internacionalização de projetos acadêmicos, pois a busca por trabalhos, pesquisadores e arquivos que estabeleçam relação direta com os temas pesquisados são formas eficientes de se ultrapassar o desafio linguístico, como demonstraremos a seguir, além de exemplificar a necessidade da criação e proposição de projetos científicos 'interculturais' – sendo estes compreendidos pela busca de ferramentas epistemológicas correspondentes a seus objetos de

estudo. Neste sentido, a compilação da obra de Flusser sobre música¹ representa um caso de cooperação mútua que suscita interesse ao corresponder à reflexão sobre a constituição desta mesma obra e sobre a natureza de sua investigação, além de se configurar como um estudo de processos de internacionalização onde ações ‘interculturais’ podem ser observadas.

Neste sentido, a recepção da obra de Flusser passa a englobar também as relações entre internacionalização e ‘interculturalidade’, assim como a área de estudos culturais, compreendida de forma ampla. No entanto, o escopo da própria obra de Flusser sobre música o afasta de uma investigação musicológica, que deveras não se configurou como um interesse direto do autor, mas antes relaciona o tema à condição do exílio no Brasil. Segundo Schmidt, “Uma visão geral e cronológica dos escritos sobre música já confere a impressão de seu desenvolvimento e também sugere o exílio e o retorno como as fases de confrontação significativa com a música e com a técnica, tanto idealmente, quanto no que se refere ao idioma” (2017, p. 178) – o que mais uma vez situa a presente investigação na área de relações tanto internacionais, quanto interculturais.

Nosso trabalho se inicia pelo desenvolvimento histórico da obra de Vilém Flusser e, posteriormente, de seu arquivo. Nosso foco central é a investigação de seus textos sobre música, a serem apresentados no decorrer do trabalho e confrontados com a disciplina musicológica, a partir da qual ressaltaremos a relevância de ações e processos interculturais na investigação de seu legado, assim como ferramentas e mecanismos de internacionalização do *Arquivo Vilém Flusser*, que correspondem aos mesmos. Em seguida apresentamos uma breve revisão bibliográfica do termo ‘interculturalidade’ e de sua relação com mecanismos de ‘internacionalização’ científica. Nossa hipótese é de que haja uma relação direta entre a investigação de processos de internacionalização, sobretudo no contexto da educação superior, e a área de estudos culturais. Esta relação se mostra em fundamentações e justificativas de ações que viabilizam a internacionalização, que frequentemente se baseiam na ideia de ‘interculturalidade’ – um conceito fundamental a estudos culturais de diversas naturezas. Neste ponto, são apresentadas referências tanto das áreas de estudos culturais, quanto de investigações que tematizam processos de internacionalização de forma central. Relações interculturais são apresentadas não só como justificativa, mas também como aspecto relevante da definição do termo ‘internacionalização’. No entanto, observamos que uma investigação detida sobre o que

¹ Em 2017, a editora brasileira, *Annablume*, lançou de forma inédita um volume com a bibliografia completa de Vilém Flusser sobre música. Esta publicação conta com textos complementares de pesquisadores alemães e brasileiros. Trata-se da seguinte publicação: *Na Música. Vilém Flusser*. São Paulo: Editora Annablume, 2017.

seria, e quais seriam os parâmetros desta ‘interculturalidade’ permanecem não tematizados pela pesquisa em internacionalização. Podem-se tratar culturas (no plural), sem que a natureza de suas relações justamente aponte especificidades desta mesma pluralidade? Neste caso, a ‘interculturalidade’ não falaria igualmente por processos de culturalidade? A apresentação da obra de Vilém Flusser e de sua investigação surge aqui justamente como forma de se tematizar em um estudo de caso concreto, como possíveis relações entre ‘culturas’ são indispensáveis à reflexão sobre investigações científicas bilaterais. Em seguida, apresentamos nossa conclusão acerca das relações entre epistemologias e ‘interculturalidade’, onde ressaltamos a importância de se tematizarem processos concretos e específicos de cooperação internacional, em detrimento da adoção de ‘modelos’ genéricos de uma suposta “interculturalidade”, que deixam de considerar a especificidade das relações que ali se estabelecem, pois assim, pode vir a se delinear uma estreita (e escorregadia) interface entre investigação científica internacional e etnocentrismo – no sentido de que na observância de modelos, um possível diálogo autêntico dá lugar à determinação de generalidades que abrem espaço para a manutenção de estruturas hegemônicas, que justamente poderiam ser confrontadas por cooperações efetivamente bilaterais.

2.1 Vilém Flusser: biografia e obra sobre música

Nosso enfoque metodológico na obra de Vilém Flusser, especialmente em seus escritos em português e alemão sobre música, se baseia na consideração de seu escopo, que perfaz todas as décadas da produção de Flusser e assim perpassa o desenvolvimento geral de seu pensamento, desde uma fase criativa inicial em português, centrada na discussão sobre língua, assim como em sua obra posterior, do período de volta à Europa, onde a discussão das novas mídias ganham destaque. A extensão da obra sobre música, que não se configura como um tema central do autor, mas antes se relaciona à diversidade temática de sua obra (CASTELLO BRANCO, 2017a), possibilita um estudo integral de suas fontes, o que permite à nossa metodologia a consideração das transformações de seu aspecto intercultural, já que antes de significar um estudo musicológico e de relevância à pesquisa musical – que em nenhum momento da obra de Flusser se mostra como um objetivo do autor, já que sua forma de recorrer ao tema da música é demarcadamente própria e frequentemente se relaciona a outros temas e, sobretudo, dá voz a processos transferência cultural e à condição do exílio. Segundo Schmidt:

Flusser acentua no texto “Em busca de significado”, escrito em 1969 e publicado em 1973, não apenas o

significado da cena musical de Praga do entre guerras (à qual – mesmo que Flusser não mencione especificamente – a música pertencia de forma central) para seu pensamento futuro, mas ele relata além disso que, entre outros, a audição de música em discos de vinil (especialmente Mozart), pertencia às influências de Praga que entraram em *Lingua e Realidade* (1963) (2017, p. 179).

Nos últimos anos, o tema da música na obra de Flusser tem sido estudado em iniciativas notadamente bilaterais entre Brasil e Alemanha. Em 2014, a edição especial do periódico *Flusser Studies* (GOH; CASTELLO BRANCO; NOVAES, 2014) foi dedicada à música e ao som, à qual somam-se os trabalhos de Goh (2012), Castello Branco (2015; 2017a; 2017b) e Schmidt (2017), além do verbete ‘música’ na *Caixa de Ferramentas Intelectual*, de Zielinski, Irrgang e Weibel (2015).

De forma geral, a música está presente em toda a carreira de Flusser e se associa à discussão sobre a língua, em seu período brasileiro, e posteriormente passa também a compor sua investigação sobre as novas mídias. Ela é constituída de ensaios, artigos de jornal e capítulos de livros, perfazendo em torno de duas dezenas de fontes distintas. Uma lista completa da obra de Flusser sobre música se encontra em Castello Branco (2017b, p. 14-17). Ainda que ela não venha a se constituir como um tema central de Flusser, tanto sua presença contínua no decorrer da integralidade de sua obra, quanto a ênfase dada à mesma pelo autor, instigam sua investigação. Nas palavras de Flusser: “A música é o maior e mais sagrado segredo” (FLUSSER, 1991, p. 159).² No entanto, uma possível consideração musicológica de sua obra se torna impossível, devido a seu conteúdo e ao enfoque do autor, que não tangencia a teoria ou análise musicais, mas antes relacionam a música ao movimento “migrante” e, por isso mesmo, intercultural de sua biografia. Neste sentido, Schmidt circunscreve o tema da música na obra de Flusser à troca cultural internacional:

Discutir a atualidade da América Latina e a troca cultural com a Europa a ela associada, também em relação à música, me parece um empreendimento que vale a pena, e os escritos de Flusser sobre música podem fornecer uma base perspicaz à mesma, ao se admitirem suas especificidades e o balanço entre contextos teóricos e histórico-culturais de suas condições linguísticas (2017, p. 183-184).

A chegada de Vilém Flusser no Brasil, no início da Década de 1940, coincide com seu período de formação acadêmica. Tendo deixado Praga logo após seu ingresso no curso de Filosofia, Flusser abandona inicialmente esta formação para trabalhar em uma fábrica brasileira

² “Die Musik [ist] das allergrößte, das heiligste Geheimnis” (FLUSSER, 1991, p. 159). Todas as traduções são dos autores do presente trabalho, exceto quando indicado diferentemente.

de tecidos e concomitantemente aprende um novo idioma; o português. Aproximadamente vinte anos mais tarde, o autor apresenta em perfeita qualidade linguística uma primeira expressão pública de sua inclinação filosófica, assim como sua potencialidade reflexiva, que em tudo condiz à sua biografia e às experiências de sua juventude. Seu primeiro livro: *Língua e Realidade* (FLUSSER, 2007) foi publicado em português, em 1963, e justamente trouxe à tona as influências que a experiência intercultural tiveram sobre seu pensamento. Este primeiro livro enfoca as relações, limites e potencialidades dos idiomas, assim como apresenta a arte de forma bastante especial: como possível ‘fronteira’ da língua. Desde esta primeira obra, a música já figura como ação humana significativa, capaz de sintetizar lógica e estética:

A poesia das línguas flexionais tende para a música, ela é o lado estético, a vivência de tais línguas. A diferença entre poesia e filosofia são os valores musicais. Na transição da poesia, da lógica à estética, aumentam-se os valores musicais, mas, na música, estética e lógica crescem em razão diretamente proporcional (FLUSSER, 2007, p. 167).

Ainda na Década de 1960, Flusser ressalta a necessidade de se “contemplar o poder musical da língua portuguesa” (FLUSSER, 1964, p. 1), e apresenta uma relação direta entre música e língua, através dos aspectos musicais da fala e de sua importância para a compreensão do que se é dito: “a língua falada é percebida como conjunto musical, com sua melodia, seu ritmo, seu timbre” (FLUSSER, 1962, p. 1).³ Também a elucidação do aspecto social da música, diretamente relacionado ao contexto das práticas sonoras, compõe sua obra. O artigo *Na Música Moderna* (1965b), formulado para uma aula que seguia a investigação intitulada *Na Música* (1965a), o autor tematiza “a música gritada das discotecas” e a “música de fundo”, que se difundia na época. Ambas seriam formas de reação ao ruído humano, que expressam “a tentativa de serem mais sonoras que o entorno”. A música de fundo, que segundo o autor, “caracteriza tão bem a sociedade atual”, é uma prova da falta de sentido dessa mesma sociedade, considerando que sua omnipresença justamente revela a tentativa de tapar a ausência de sentido (FLUSSER, 1965b, p. 2-3).

O relato de sua vivência como estrangeiro e as expressões de ‘interculturalidade’ que compõe tal experiência, também se mostram através da vivência musical e humana dos tambores de Candomblé, que Flusser descreve da seguinte maneira:

Ouvem-se eles, como nas noites quentes dialogam entre si, de morro a morro, e assim tecem sobre o Rio de Janeiro um tecido de ritmos sincopados e indecifráveis códigos Morse, e assim não se pode conter a impressão de se estar frente a um fenômeno de uma cultura fechada para nós. Sente-se então

³ O aspecto linguístico da obra de Flusser e de suas traduções tem sido extensamente investigado já há algumas décadas, sobretudo por Guldin (2005).

aproximadamente como um analfabeto se sentira em meio a uma livraria. Vê-se, contudo, como eles são tocados, quais são os gestos, qual dos tambores o realizou, e então tem-se o sentimento oposto, de se estar em completa empatia com esses tambores, de ser tocado e permeado por eles. Esta contradição em nossa vivência do tocar de tambores, que por um lado nos exclui e por outro nos permeia, é absolutamente característica ao nosso vivenciar da cultura negra. E esta contradição não é superada quando se vive por anos em um país onde esta cultura forma a vida cotidiana, mas ela se acentua. Neste caso, os fenômenos da cultura negra permeiam a pessoa cada vez mais e conferem à sua vida uma atmosfera inteiramente específica, mas ao mesmo tempo, torna-se sempre mais consciente do fato de que nunca se pode investir rumo ao núcleo dessa cultura. Mas talvez seja justamente esta contradição uma chave de acesso à compreensão do estranho mistério, no qual, para nós, a cultura negra está imersa (FLUSSER, 2017, p. 100).

Ainda que a música esteja presente na obra inicial de Flusser, formulada em seu período brasileiro, no início de sua carreira, ela naturalmente se atravessa as mudanças biográficas do autor e compõe também a fase europeia de sua obra, principalmente a partir da década de 1980. Após a tomada do governo brasileiro pelos militares e o acirramento da ditadura, em 1969, Flusser decide deixar o Brasil, e se fixa com sua família no Sul da França, em Robion. A partir deste momento, o idioma principal de sua obra se torna o alemão. Também a reflexão sobre a técnica e sobre as novas mídias ganha destaque e Flusser passa a ser reconhecido e convidado a lecionar em universidades europeias.

A referência a Schopenhauer do começo da carreira de Flusser é revista em seus últimos escritos a partir do retorno à Europa e principalmente em obras da metade da Década de 1980. A formulação do conceito de ‘imagens técnicas’, que seriam distintas da ‘representação’ schopenhaueriana, faz com que Flusser reveja este conceito e apresente a música como uma metáfora que diz respeito também a outras formas de criatividade, ou ‘novas imaginações’. Em seu livro *No Universo das Imagens Técnicas* (1985), Flusser apresenta a ‘música de câmara’ como uma forma de relação criativa entre os homens. Estabelecida com o uso de aparatos, a nascente ‘tecnoimaginação’ propicia uma conexão entre os homens que possui a mesma natureza.

A possibilidade de que aparatos venham a ser programados por cada indivíduo, seguindo suas vontades e inclinações, determina o estabelecimento de uma verdadeira “sociedade telemática”, que significaria o fim de qualquer programa fixo e imutável. Assim, uma ligação criativa entre os homens estaria mantida, da mesma forma como aquela que se observa na prática musical camerística, que representa a ‘pura’ relação e a ‘pura’ liberdade. Flusser apresenta esta “música de câmara” como “puro tocar”. (1985, p. 177). No entanto, esta ‘música pura’ desafia o universalismo frequentemente associado à música europeia, sobre o qual Schmidt afirma que:

Como praticamente nenhuma outra arte, a música foi e continua a ser relacionada à esperança por uma universalidade estética, que engloba muito mais do que apenas a independência em relação a um idioma e assim, ainda que supostamente, a um lugar de ‘origem’ cultural” (2008, p. 1).⁴

Não se lê em Flusser uma apologia à suposta “linguagem universal da música”, especialmente europeia, mas antes uma metáfora da criatividade coletiva, que é exemplificada pela música de câmara e ganha vida na produção compartilhada de imagens técnicas, ao mesmo tempo em que se deixa elucidar pela necessidade da quebra de “falsos universalismos”, que se mantém atual, assim como apresentado anteriormente a partir da obra de Appadurai (2018).

Neste contexto e consideradas as condições do exílio no Brasil, Flusser apresenta um entendimento da música que desafia a suposta estaticidade da teoria musical europeia. Em consonância com a investigação atual de processos de transferência cultural e das leituras distintas propiciadas pela difusão da teoria musical europeia, Christensen afirma que: “Não existe algo como a recepção simples e ‘pura’ da teoria musical europeia em lugar algum do mundo. Neste sentido, nós faríamos bem em lembrar que não há um objeto estável e puro que poderíamos chamar de ‘teoria musical europeia’ (2018, p. 19).⁵ A música de câmara de Flusser atesta esta flexibilidade da recepção da música europeia e o formato intercultural de sua transformação, que se vê replicado pela metáfora de uma ‘criatividade coletiva’ que tem lugar em seu conceito de tecnoimaginação (*Technoimagination*).

Também a corporalidade da música surge em na obra de Flusser em uma elucidação da escuta como ‘relação pura’ – novamente distante de uma apologia a hegemonias culturais. O livro em alemão intitulado *Gestos (Gesten)* inclui um capítulo sobre o gesto de ouvir música, onde o autor apresenta a vibração da onda sonora como movimento entre os lados ‘interno’ e ‘externo’ do corpo, o que significa ao mesmo tempo uma convergência consigo mesmo e uma superação das fronteiras entre homem e mundo, no sentido de uma possível relação entre ‘sujeito’ e ‘objeto’ através da vibração acústica:

Ao ouvir música, o homem encontra a si mesmo sem perder o mundo, e ele encontra o mundo sem perder a si mesmo ao encontrar a si mesmo como mundo e ao mundo como a si mesmo. Pois ele encontra a si mesmo e ao mundo não como oposição entre sujeito e objeto, mas como ‘relação pura’, a saber, como

⁴ “Wie kaum eine andere Kunst wurde und wird Musik verbunden mit der Hoffnung auf eine ästhetische Allgemeingültigkeit, die viel mehr umfasst als nur die Unabhängigkeit von Sprache und damit, wenn auch nur vermeintlich, von ihrem kulturellen ‘Ursprungs’-Ort” (SCHMIDT, 2008, p. 1).

⁵ “There is no such thing as a simple or ‘pure’ reception of European music theory anywhere in the world. For that matter, we would do well to remember that there is no such thing as a stable and pure object that we can call ‘European music theory’” (CHRISTENSEN, 2018, p. 19).

vibração acústica (FLUSSER, 2017, p. 161).

151

A presença do tema da música em ambas as fases da obra de Flusser, que significam igualmente sua subdivisão nos idiomas português e alemão, que por sua vez representam também um desenvolvimento temático, que se observa nas relações “entre idiomas”, no sentido de que apenas a leitura bilíngue permite uma investigação completa do tema da música, faz com que processos de investigação correspondam a aspectos fundamentais do tema e dos materiais tratados. Uma leitura bilíngue de Flusser é a única ferramenta capaz de garantir a integralidade da investigação de sua obra. Ao mesmo tempo, ela atua como o fundamento de uma reflexão epistemológica que inclui o estudo dos contextos de produção e recepção desta mesma obra, que novamente correspondem aos cenários brasileiro e alemão. Neste sentido, ressaltamos o fato de que o termo ‘interculturalidade’ representa o estabelecimento ‘culturalidades’, no sentido de que muito além de se valer de lugares de fala que reproduzam fronteiras políticas, novos espaços culturais são formados pela própria reflexão bilíngue e efetivamente ‘inter-cultural’. Tanto no sentido do objeto de estudo, quanto das ferramentas e estratégias de sua investigação, que juntas estabelecem uma interface a partir da qual o método de investigação amplifica a potencialidade do objeto de estudo.

2.2 Histórico do Arquivo Vilém Flusser, ferramentas, estratégias e mecanismos de internacionalização

Como apresentamos anteriormente, no caso de Vilém Flusser, a relação entre biografia e obra determina fases caracterizadas por idiomas e temas distintos. Enquanto uma primeira fase brasileira, escrita em português, discute a língua de forma central, a investigação de novas mídias se torna um foco evidente em sua segunda fase, mais tardia, quando Flusser retorna a Europa. Neste momento, o alemão é o idioma principal de sua obra. Assim, compreendemos o estudo da obra de Flusser como uma proposta concreta de ação ‘inter’-cultural em três níveis: biográfico, bibliográfico e epistemológico – considerando que às especificidades dos dois primeiros níveis, se soma ainda a necessidade do estabelecimento de ferramentas, estratégias e mecanismos de internacionalização, que se mostrem condizentes à obra em questão.

Ainda que a obra de Flusser possa ser considerada “poliglota”, no sentido de incluir

publicações em diversos idiomas, os dois principais, em número de produções, são o português e o alemão. Neste sentido, diversas ações tem sido efetivadas com a intenção de estabelecer o diálogo bilíngue em torno de sua obra, o que naturalmente depende de diferentes processos de internacionalização, e que no caso de Flusser, são fortemente incentivados por seu arquivo em Berlim.

O *Arquivo Vilém Flusser (Flusser Archiv)*⁶ conta com obras publicadas, manuscritos, aulas, gravações em áudio e vídeo, fotos, entrevistas, uma extensa coletânea de literatura secundária, além da biblioteca de viagem de Flusser. Desde 2007, sua sede é a *Universidade das Artes de Berlim (Universität der Künste, UdK-Berlin)*, mas o trabalho de coletânea, armazenamento e catalogação do material se deve em grande parte ao trabalho de sua esposa, Edith Flusser.

Dentre os mecanismos de investigação do Arquivo e de seus parceiros, destacam-se: (1) a organização de publicações, encontros e estudos internacionais, que podem ser exemplificadas através da série *Internacional Flusser Lectures*, e da edição em forma de livro das últimas aulas de Flusser na Universidade de Bochum, em 1991. (2) A criação do Arquivo Espelho,⁷ em São Paulo, também exemplifica uma ação de internacionalização de largo alcance. Em parceria com o arquivo alemão, o Prof. Norval Baitello Júnior inaugurou a sede brasileira do arquivo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2016, com apoio FAPESP e do Goethe Institut SP. (3) A organização do Festival *Transmediale*⁸, incluindo a residência artística *Vilém Flusser Residency*, em Berlim, também tem contribuído com a reverberação do caráter internacional da obra de Flusser, especialmente na área de artes, além de motivar a presença e as contribuições de artistas de diversas nacionalidades. Outras ações que tem contribuído de forma decisiva para a discussão da obra de Flusser são o periódico *Flusser Studies*⁹, criado e mantido pelo Prof. Rainer Guldin, há mais de quinze anos, e o site *Flusser Brasil*,¹⁰ criado por seu filho, Miguel Flusser, que disponibiliza textos e manuscritos em alguns idiomas, inclusive não publicados.

⁶ <https://www.flusser-archive.org/>

⁷ <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>

⁸ <https://transmediale.de/>

⁹ <https://www.flusserstudies.net/>

¹⁰ <http://www.flusserbrasil.com/>

Todas estas estratégias e mecanismos de pesquisa se fundamentam na (1) biografia internacional, intercultural e ‘migrante’ de Flusser, e em sua (2) bibliografia primária sobretudo bilíngue (em português e alemão) e em outros idiomas, fazendo com que seja direta a correspondência entre ‘vida e obra’, assim como sua investigação, e que estas demandem uma recepção igualmente internacional e intercultural.

A aplicação de processos e práticas internacionais são frequentes no contexto da pesquisa científica. Curiosamente, mesmo quando se se refere a este enfoque científico, sua associação com a área da cultura não deixa de se apresentar de forma bastante imediata, o que se expressa através de fundamentações e justificativas que englobam e frequentemente se baseiam na ideia de ‘interculturalidade’. Jane Knight menciona este aspecto intercultural da educação superior ao conceituar a internacionalização como “O processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no objetivo, nas funções ou na oferta de educação superior” (KNIGHT, 2003, p. 2-3).¹¹

Da mesma forma, De Wit et al. também recorre à ‘interculturalidade’ ao definir o aspecto internacional do contexto da pesquisa e ainda a associa, como potencialidade, a uma melhoria na qualidade da educação. Segundo os autores:

O processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global na proposta, nas funções ou na oferta da educação superior, para melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todo o corpo estudantil e permanente, e ter uma contribuição relevante à sociedade (DE WIT; HUNTER; HOWARD; EGRON-POLAK, 2015, p. 281).¹²

Uma possibilidade de compreensão acerca da forma e dos métodos através dos quais as relações culturais podem ser abordadas pelo contexto da pesquisa científica é apresentada por John Hudzik (2011, p. 15), nos Estados Unidos, a partir da formulação de seu conceito de “internacionalização compreensiva”, que ressalta o não estabelecimento de um modelo único ou um conjunto de objetivos particulares, mas antes reconhece uma diversidade de abordagens nos processos de investigação.

¹¹ “[Internationalization at the national, sector, and institutional levels is defined as] the process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions or delivery of postsecondary education” (KNIGHT, 2003, p. 2).

¹² “The intentional process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions and delivery of post-secondary education, in order to enhance the quality of education and research for all students and staff, and to make a meaningful contribution to society” (DE WIT; HUNTER; HOWARD; EGRON-POLAK, 2015, p. 281).

Um compromisso, confirmado pela ação, em promover perspectivas internacionais e comparativas por meio do ensino, da pesquisa e das “missões de serviço” da educação superior. Ele conforma a ética e os valores institucionais e trata de toda a abordagem da educação superior. É essencial que seja abraçado pela liderança institucional, pela governança, pelos docentes, pelos estudantes e por todas as unidades de serviços e suporte acadêmico. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável (HUDZIK, 2011, p. 6).¹³

Neste sentido, assim como nas investigações da ‘interculturalidade’, ressalta-se a necessidade de se evitarem mecanismos de reafirmação de hegemonias culturais, assim como o obediência a padrões que não se relacionem diretamente a seus contextos de presentificação. Segundo Rösen, o etnocentrismo se expressa justamente através de relações sociais em que narrativas de dominação são ingenuamente aceitas e misturadas a aspectos históricos desta mesma relação: “A aceitação de narrativas hegemônicas depende da inclusão de normas e valores nas características históricas de eu e outro. A forma usual de se fazer isso é o *etnocentrismo*” (RÜSEN, 2008, p. 13-14, grifo do autor).¹⁴

Seguindo a mesma direção de Hudzik (2011, 2015), que ressalta a metodologia de perspectivas culturais (ou internacionais) comparadas, que por sua vez é também confirmada pela área de estudos culturais, Nicolas Maillard (2019), ao tematizar a internacionalização no Brasil, ressalta seu caráter processual: “a internacionalização é um processo. Tem objetivos, indicadores, mas é uma série contínua de ações sem data de fim prevista. A universidade está perpetuamente se internacionalizando” (MAILLARD, 2019, p. 23). Assim como a cultura se presentifica em cadeias contínuas de revisitas às suas expressões, também a internacionalização se apresenta como um fazer constante e auto-transformador.

3. Internacionalização e ‘interculturalidade’ na América Latina e no Brasil

A realização de três Conferências Regionais sobre o Ensino Superior (CRES), pela Unesco, nos anos de 1996, 2008 e 2018, apresentou e reafirmou com o passar dos anos, a

¹³ “A commitment, confirmed through action, to infuse international and comparative perspectives throughout the teaching, research and service missions of higher education. It shapes institutional ethos and values and touches the entire higher education enterprise. It is essential that it be embraced by institutional leadership, governance, faculty, students, and all academic service and support units. It is an institutional imperative, not just a desirable possibility” (HUDZIK, 2011, p. 6).

¹⁴ “The acceptance of master narratives depends upon the inscription of norms and values into the historical features of selfness and otherness. The usual way of doing it is *ethnocentrism*” (RÜSEN, 2008, p. 13-14).

necessidade em se pensarem processos e ações de internacionalização que sejam condizentes ao contexto latino-americano e que naturalmente reflitam suas especificidades. Assim como mencionado anteriormente, acerca da área de estudos culturais, a difusão ou manutenção de hegemonias culturais se mostrou como um tema relevante às discussões sobre internacionalização, que veio a ser registrado na declaração final da Conferência de 2018: “Sua antítese seria a concepção de uma internacionalização mercantilista que favoreça os interesses hegemônicos e desnacionalizantes da globalização” (UNESCO, 2018, Declaração final da CRES).

Da mesma forma, Nicolas Maillard afirma que: “A América Latina e os Caribes defendem um Ensino Superior como um bem público social, que deve ser provido pelos Estados gratuitamente e com qualidade. O processo de internacionalização deve ser solidário e respeitar as diversidades regionais” (MAILLARD, 2019, p. 25), o que não necessariamente condiz aos direcionamentos de políticas públicas e educacionais de outros países ou blocos financeiros. E, neste sentido, as extensas discussões sobre internacionalização curricular passam a envolver muito mais que uma possibilidade de vivência internacional aos estudantes. Se, por um lado se invertem as relações tradicionais entre docentes e discentes, já que a experiência do aluno passa a se tornar o foco do processo de aprendizagem, por outro lado, justamente se emprega um ‘modelo’ de currículo comum, que em alguns casos pode justamente vir a apagar as diferenças que constituem o cerne de possíveis perspectivas comparadas, como apresentado no conceito de John Hudzik (2011, 2015) de “internacionalização compreensiva”.

Ao abordar o cenário brasileiro, também no contexto da discussão sobre internacionalização curricular, Maillard não deixa de mencionar a pluralidade de formas da cultura:

Na verdade, internacionalizar um currículo pode significar alterar as práticas didáticas para passar a usar técnicas que outros países empregam há tempo; revisar o sistema de avaliação; alterar as formas como se validam créditos para reconhecer melhor atividades efetuadas no exterior, e/ou extracurricular; usar outros idiomas e, com eles, outras formas culturais de se comunicar (MAILLARD, 2019, p. 69).

Neste caso, ressaltamos o paralelo entre as citadas “outras formas culturais” e a necessidade de manutenção da diversidade, que justamente evita a manutenção de políticas hegemônicas. No entanto, ainda que relações dialógicas sejam usualmente compreendidas como ferramentas de defesa desta mesma ‘diversidade’, e que o diálogo seja consequência

fundamental do entendimento do lugar de fala como “voz” a ser ouvida, como alteridade, como “fala para um outro”, Arjun Appadurai (2018) defende que diálogos nunca acontecem sem riscos. O primeiro risco do diálogo é não ser compreendido, o segundo, é ser compreendido em excesso, o que significa a discussão sobre motivações pessoais e convicções básicas como se elas fossem um “território comum”, onde todos podem atuar, enquanto elas não o são. O diálogo envolve discernimento sobre o que está sendo dialogado. É uma forma de respeito, que faz com que ao se ouvir o outro, não se queira dissuadi-lo de suas próprias convicções. Neste sentido, sintetizamos o principal risco do diálogo como a eliminação das diferenças. Segundo Appadurai:

A compreensão integral em um nível de convicções primárias éticas, religiosas ou políticas acarreta ainda em outro perigo. Esse perigo é o desejo de eliminar totalmente as diferenças básicas. Pois se quisermos estabelecer bases comuns em um nível de convicções básicas, as convicções básicas de alguém devem mudar. E isso geralmente significa que as convicções mais profundas de uma das partes se tornam a medida de um ‘território comum’. É assim que falsos universalismos podem apagar verdadeiras diferenças” (2018, p. 6).¹⁵

Neste sentido, processos de internacionalização que se justificam através de um ideal de ‘interculturalidade’, sem se aterem à investigação detida do que ela significaria em casos concretos, de países e grupos humanos específicos, correm o risco de atuar justamente como um ‘falso’ diálogo, ou seja: como mecanismo de eliminação das diferenças.

Especificamente sobre o cenário brasileiro, ressaltamos a existência de estudos sobre internacionalização da educação superior em levantamentos bibliográficos (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017), e em estudos de caso, como Laus (2012) e Mueller (2013), respectivamente sobre a Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No entanto, permanece a necessidade de investigação de um embasamento teórico que frequentemente recorre a ideias de ‘interculturalidade’ sem que a mesma seja esclarecida como possibilidade de diálogo verdadeiro, no sentido proposto por Appadurai, e que observamos em nosso estudo de caso.

Ao apresentar o histórico de Vilém Flusser e de seu arquivo, discutindo sua obra, as

¹⁵ “But complete understanding at the level of primary ethical, religious or political convictions carries yet another danger with it. That danger is the urge to eliminate basic differences altogether. For if we wish to establish common grounds at the level of basic convictions, somebody’s basic convictions must change. And this usually means that one party’s deepest convictions become the measure of common ground. This is the way in which false universalisms can erase true differences” (APPADURAI, 2018, p. 6).

ferramentas e mecanismos de internacionalização praticados em relação à mesma, observamos que eles se configuram como uma proposta concreta de ação ‘inter’-cultural em três níveis: biográfico, bibliográfico e epistemológico. A relação temporal entre eles é expandida entre dois diferentes movimentos: a obra em si e sua recepção. Como ação póstuma, o arquivo de Flusser atua no segundo caso, enquanto as condições e potencialidades de vida no Brasil e na Europa constituíram o caráter deste primeiro movimento, no caso de Vilém Flusser. Interessantemente observamos direcionamentos práticos, organizacionais e políticos do *Arquivo Flusser* que mantém a coerência entre este e sua obra, enquanto o levantamento bibliográfico sobre a ‘interculturalidade’ de práticas de investigação no cenário brasileiro, aponta mais enfaticamente para a tentativa de internacionalizar o cenário da pesquisa científica como um todo, frequentemente adotando parâmetros que não necessariamente correspondem a seus objetos de estudo, mas antes obedecem a conformidades institucionais.

4. Considerações finais

Ainda que ações e processos de internacionalização sejam amplamente aceitos e difundidos como formas de ‘interculturalidade’, sua estreita relação com a adoção de modelos comuns a grupos humanos distintos frequentemente levanta o questionamento sobre formas alternativas ao etnocentrismo e que interrompam a manutenção de hegemonias culturais. Este desafio se amplia ao considerar a relação direta entre internacionalização e a disponibilidade econômica necessária à realização de cooperações internacionais, o que naturalmente coloca a problemática entre hegemonias econômicas, frequentemente encenadas como hegemonias culturais, e o estabelecimento de processos de internacionalização. A partir deste fundamento, discutimos aqui as relações entre internacionalização e ‘interculturalidade’, tomando como ponto de partida a presença frequente do termo ‘interculturalidade’ na bibliografia sobre internacionalização, que comumente o apresenta como justificativa para a cooperação internacional, sem, no entanto, colocar o questionamento sobre a amplitude e sobre as consequências desta mesma ação ‘intercultural’. Neste sentido, apresentamos aqui a necessidade de reflexão sobre casos específicos de internacionalização, como forma de se evitar a generalidade do termo ‘interculturalidade’, como se ele se referisse sempre a um mesmo processo, independente de seu contexto histórico e de seus atores sociais.

Assim, apresentamos a análise de um estudo de caso que representa uma proposta concreta de ação ‘inter’-cultural: a investigação da obra de Vilém Flusser sobre música. Esta investigação se subdividiu em três níveis: biográfico, bibliográfico e epistemológico. Enquanto a presença “migrante” de Flusser no Brasil das décadas de 1940 a 1969 e a recepção de sua obra na Alemanha, no período subsequente, determinou um curso biográfico que se expressa nos idiomas principais de sua obra e no desenvolvimento temático de cada um dos períodos apresentados, a presença da música em seus textos perpassa toda a sua extensão temporal, exemplificando a relação entre biografia e a natureza de sua expressão bibliográfica (como literatura primária) e demandando ao mesmo tempo uma abordagem epistemológica da mesma, que incluía a ação intercultural de forma fundamental. À natureza desta investigação bilíngue e internacional da obra de Vilém Flusser, somamos a atuação do Arquivo Vilém Flusser, em Berlim, que justamente aponta para a internacionalização como ação cultural efetiva de diálogo.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. *The Risks of Dialogue*. São Paulo: Mecila Working Paper Series, No. 5, 2018.
- CASTELLO BRANCO, Marta. Vilém Flusser, Jair Rodrigues e a Música como Metáfora. *Anais do SEFIM*, v. 3, n.3, 2017a, 255–270.
- CASTELLO BRANCO, Marta. *O Instrumento Musical como Aparato*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2015.
- CASTELLO BRANCO, Marta. Apresentação. *Na Música. Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2017b, 9–30.
- CHRISTENSEN, Thomas. Music Theory, Cultural Transfer, and Colonial Hybridity. *Zeitschrift der Gesellschaft für Musiktheorie* 15, no. 2, 2018, 15–21.
- DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona; HOWARD, Laura; EGRON-POLAK, Eva. *Internationalisation of higher education*. Documento solicitado pela Comissão de Cultura e Educação do Parlamento Europeu. Bruxelas: União Europeia, 2015.
- FLUSSER, Vilém. *Gesten. Versuch einer Phänomenologie*. Düsseldorf und Bensheim: Bollmann, 1991.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, Vilém. Da Flauta de Pã. *Suplemento Literário OESP* 8 (370): 3, São Paulo 22 fev. 1964.
- FLUSSER, Vilém. Dois dos Limites da Língua. *Suplemento Literário OESP* 6, São Paulo, 06 jan. 1962, n. 263, p. 2, 1962.
- FLUSSER, Vilém. *Na Música. Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2017.

FLUSSER, Vilém. *Na Música*. São Paulo: IBF Instituto Brasileiro de Filosofia. Fonte não publicada. Berlim: Vilém Flusser Archiv, 1662 2-IPEA-15, 1965a.

FLUSSER, Vilém. *Na Música Moderna*. São Paulo: IBF Instituto Brasileiro de Filosofia. Fonte não publicada. Berlim: Vilém Flusser Archiv, 1663 2-IPEA-16, 1965b.

FLUSSER, Vilém. *No Universo das Imagens Técnicas*. São Paulo: Annablume, 2008.

GOH, Annie. Zeichen, System und Symptom. Zur (spekulativen) Semiotik der Klänge bei Vilém Flusser. *Zeitschri für Semiotik* 34, 1-2, 2012, 125-143.

GOH, Annie; CASTELLO BRANCO, Marta; NOVAES, Rodrigo Maltez. Music and Sound in Vilém Flussers Work. *Flusser Studies* 17, 2014, [http:// http://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-17-double-issue](http://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-17-double-issue) (Acesso em 24/02/2022).

GONÇALVES, Gustavo; TUGNY, Rosângela Pereira de. *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Salvador: EdUFBa, 2020.

GULDIN, Rainer. *Philosophieren zwischen den Sprachen. Vilém Flussers Werk*. Wilhelm Fink: Munich, 2005.

HUDZIK, John K. *Comprehensive internationalization: From Concept to Action*. Washington, DC: NAFSA, The Association of International Educators, 2011.

HUDZIK, John K. *Comprehensive internationalization: from rhetoric and concept to reality. Comprehensive internationalization: institutional pathways to success*. Abingdon, UK: Routledge, 2015, 58-75.

KNIGHT, Jane. Updating the definition of internationalization. *International Higher Education*, Boston College, v. 33, 2003, 2-3.

LAUS, Sonia Pereira Laus. *A internacionalização da Educação Superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina*. 2012. 331 f. Tese (Doutorado em Administração) Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MAILLARD, Nicolas. *O gestor de relações acadêmicas internacionais no Brasil: práticas, papéis e desafios*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2019.

MIGNOLO, Walter. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do. Internacionalização da Educação Superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 33, abr. 2017.

MUELLER, Cristiana Verônica. *O processo de internacionalização do Ensino Superior: um estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RÜSEN, Jörn. Culture: universalism, relativism or what else? *Does Culture make difference?* Calcutta: Seagull Books, 2008, 12-19.

SCHMIDT, Dörte. A Música na Obra de Vilém Flusser ou: a formação de uma teoria sob as condições do exílio e a insistência nas aquisições do iluminismo além da hegemonia cultural. *Na Música. Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2017, 175-184.

SCHMIDT, Dörte. Kulturelle Räume und ästhetische Universalität. Musik und Musiker im Exil. *Exilforschung*. Ein internationales Jahrbuch 26. München: Edition Text + Kritik, 2008.

UNESCO. *Declaração final da Conferência Regional sobre o Ensino Superior (CRES)*. Unesco, 2018. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/images/DECLARA%C3%87%C3%83O-CRES-2018-EM-PORTUGU%C3%8AS.pdf> (Acesso em 28/01/2022).

ZIELINSKI, Siegfried; WEIBEL, Peter; IRRGANG, Daniel. *Flusseriana. An Intellectual Toolbox*. Karlsruhe: 2015, 102 f.

Sites sobre Vilém Flusser:

FLUSSER BRASIL. Textos e manuscritos, inclusive não publicados. Disponível em: <http://www.flusserbrasil.com/> (Acesso em 28/01/2022).

FLUSSER ARCHIV. Arquivo Flusser na Alemanha. Disponível em: <https://www.flusser-archive.org/> (Acesso em 28/01/2022).

FLUSSER STUDIES. Periódico sobre Flusser. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/> (Acesso em 28/01/2022).

ARQUIVO ESPELHO. Arquivo Flusser em São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/>. (Acesso em 28/01/2022).

TRANSMEDIALE FESTIVAL e Vilém Flusser Residency. Disponível em: <https://transmediale.de/> (Acesso em 28/01/2022).